

A PAISAGEM DO NOME*

LUCIA MARIA SÁ ANTUNES COSTA
Escola de Belas Artes - PROURB-FAU/UFRJ

*"Le mots bien choisis et manipulés exercent une sorte d'effet magique".
(Augoyard, 1979)*

ABSTRACT:

Place names embody several cultural and symbolic meanings. Drawing on the multiple names of an urban park in Rio de Janeiro, this article argues that naming places is a cultural process deeply based on our place experience.

Introdução

Um nome é uma referência simbólica e nos traz uma imagem, um sonho - de uma pessoa, de uma idéia, de um lugar. Este trabalho busca discutir que o ato de nomear lugares não é apenas uma forma de iden-

tificação, mas possui também um significado simbólico de apropriação sobre lugares públicos.

Estas questões serão desenvolvidas tendo como estudo de caso o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. O Parque do Flamengo é um parque com múltiplos nomes. Parque do Flamengo¹, Aterro do Flamengo, Parque do Aterro, Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, Parque Carlos Lacerda: todos estes nomes, e outros mais, referem-se ao mesmo lugar, ao mesmo parque no Rio de Janeiro. Mas na verdade, como veremos, nem todos eles identificam o parque para a população. Como ocorre a criação e a construção dos nomes dos lugares? Um exame dos vários nomes relacionados ao mesmo parque público pode ilustrar como o processo de denominação é

* Este trabalho, realizado com o apoio do CNPq e UFRJ, foi apresentado no Colóquio Internacional Les Pratiques de la Ville, École d'Architecture de Paris - La Défense, em 1995. Esta apresentação contou com um auxílio da FAPERJ.

1. Iremos nos referir ao parque como Parque do Flamengo por ser este um de seus nomes mais conhecidos.

cultural e baseado na experiência dos lugares. Além disso, nomear o parque é uma das primeiras formas de apropriação do espaço pela população.

Este trabalho se insere num estudo com um âmbito maior, voltado para uma discussão a respeito dos valores e significados dos parques urbanos para as cidades e sua população, a partir da experiência que a população tem destas áreas (Costa 1993). O Parque do Flamengo é compreendido enquanto paisagem cultural, e desta forma é abordado à luz do contexto cultural, social e histórico no qual se insere. Um estudo do processo da construção de suas múltiplas denominações busca trazer uma contribuição à literatura que compreende a paisagem enquanto uma construção social (Cosgrove 1984), reconhecendo o papel central das práticas culturais (Burgess *et al* 1988; Jackson 1989) e da experiência (Augoyard 1979) na construção dos lugares.

Em termos de sua estrutura metodológica, o estudo envolveu o uso de vários métodos qualitativos e quantitativos que se complementaram. Enquanto questões ligadas à valores, usos e significados foram exploradas através de entrevistas e observação participativa. Os questionários aplicados e as observações de comportamento realizadas no parque contribuíram para traçar um perfil mais abrangente dos usuários, suas expectativas e motivações de usos. Finalmente, pesquisas em arquivos e bibliotecas foram importantes para contextualizar o parque em termos políticos e históricos.

Inicialmente, o trabalho apresenta o Parque do Flamengo, focalizando em seguida o processo de construção de seus nomes oficiais e populares. Veremos então como os nomes dos lugares são construídos no tempo, através das experiências coletivas e individuais. Em seguida o trabalho discute o poder do nome, argumentando que o ato de nomear lugares é também um código de apropriação e poder sobre o espaço urbano. Finalmente, será abordada a recusa da população em aceitar e usar os nomes oficiais do parque como uma maneira simbólica de demonstrar e exercitar a sua apropriação e poder sobre o parque, além de ser também uma forma espontânea de resistência.

O Parque do Flamengo

Parque do Flamengo é o produto final de um longo processo político, de planejamento e de projetos direcionados para a construção de um aterro às margens da Baía de Guanabara. Soma-se à isto a imensa variedade de grupos sociais que o parque atrai, e que no processo de apropriação e de negociação de seus espaços também contribuem fortemente para a construção da paisagem do parque².

Criado nos anos 1960, a partir de um imenso aterro de 120 ha à beira-mar, Parque do Flamengo é uma via-parque que margeia quatro bairros da cidade: Flamengo, Catete, Glória e Centro. O parque oferece

2. Esta questão foi discutida em Costa, L.M.S.A. (1995) "Parque do Flamengo: a construção cotidiana de um espaço democrático". *Paisagem e Ambiente*, Vol. 8, pp. 211-229.

uma grande variedade de equipamentos, que incluem uma praia artificial, quadras de esporte, restaurantes, marina, playgrounds e museus, entre muitos outros. Graças à esta variedade de opções de uso, às facilidades de acesso por transporte público e à beleza de seu sítio paisagístico - que incorpora na sua paisagem o Pão de Açúcar, forma-símbolo do Rio de Janeiro, Parque do Flamengo é um dos mais conhecidos e populares parques urbanos da cidade.

Parque do Flamengo, entretanto, tem um significado para a cidade que vai além do seu papel convencional de espaço recreacional e de lazer. Sendo uma área tão importante em termos estéticos, culturais e sociais, o parque tem revelado ao longo do tempo sua vocação de espaço político e, por isso mesmo, tem sido alvo de constantes conflitos e disputas envolvendo o poder público, população local, associações de classe ou instituições privadas. São muitas as consequências desta multiplicidade de apropriações, desta multiplicidade de significados e valores. Dentre elas, como este trabalho pretende mostrar, a construção dos seus múltiplos nomes.

A construção dos nomes

Parque do Flamengo tem recebido vários nomes oficiais desde que foi criado. Antes do surgimento do parque, a avenida que margeava a Baía de Guanabara naquela área da cidade denominava-se Praia do Flamengo, denominação que aliás man-

tém até hoje. Durante o período do aterro, que durou dos anos 1950 até o início dos anos 1960, a área não teve nenhum nome oficial, mas era conhecida como Aterro Glória-Flamengo ou Aterro Glória-Flamengo. Estes nomes eram usados informalmente pela população, pela mídia, em documentos oficiais e revistas populares e especializadas para se referirem à nova área que estava aos poucos surgindo na cidade. Quando o parque foi inaugurado em 1965, ele foi oficialmente denominado Parque do Flamengo pelo Governador Carlos Lacerda. Desde então, o nome oficial do parque tem sido mudado várias vezes. O principal objetivo destas mudanças tem sido sempre uma intenção de homenagear figuras históricas e políticas dando seus nomes a um logradouro público. Este processo político tem entretanto suas próprias contradições, demonstrando como é difícil para a própria classe política ligar o parque aos nomes que são arbitrariamente dados por eles.

Os nomes dos espaços públicos no Rio de Janeiro tais como ruas, avenidas, praças e parques, são dados oficialmente pelo Prefeito ou pelos Vereadores. Em 1971, a Câmara Municipal, a fim de homenagear o português que fundou a cidade do Rio de Janeiro às margens da Baía de Guanabara, deu o nome Estácio de Sá à área "*atualmente indevidamente denominada Aterro do Flamengo*"³. Denominada por quem? Na verdade, o nome oficial do parque naquela época era de fato Parque do Flamengo, enquanto Aterro do Flamengo era apenas um de seus nomes populares, e não o ofici-

3. Lei Nº 1.979, 13 de outubro de 1971.

al. Em 1978, outra Lei ⁴ da Camara Municipal mudou o nome "Parque do Flamengo" para "Parque Carlos Lacerda", ignorando completamente o nome Estácio de Sá que tinha sido dado pela própria Camara sete anos antes. Uma terceira mudança aconteceu em 1981 quando, através de decreto, estabeleceu-se que "...o atual Parque do Flamengo... é de agora em diante denominado Parque Brigadeiro Eduardo Gomes" ⁵. E, finalmente, em 1988 "o atual Aterro do Flamengo" ⁶ é oficialmente denominado Parque Brigadeiro Eduardo Gomes do trecho que vai do Aeroporto Santos Dumont até o Monumento aos Pracinhas, e Parque Carlos Lacerda deste ponto até o final do parque. Estes são, então, os nomes oficiais do parque no momento.

Ironicamente, uma das contradições do processo oficial de nomear e renomear o parque é que sempre os nomes Parque do Flamengo ou Aterro do Flamengo são mudados, e os antigos nomes oficiais são completamente ignorados. Na verdade, na esfera oficial é o nome "recusado" que é sempre aquele usado para identificar o parque na cidade. Isto demonstra sem dúvida um reconhecimento dos nomes populares do parque. Por outro lado, ao insistir em propor novos nomes, o poder público demonstra principalmente uma falta de compreensão da imagem e dos significados do parque para a população. De fato, os nomes oficiais dados ao parque tem sido totalmente desconsiderados, não apenas no âmbito oficial mas também pela própria popula-

ção.

Nossa pesquisa direcionada para o nome do parque revelou resultados discrepantes. Segundo os resultados dos questionários, o nome mais citado para o parque foi Parque do Flamengo (48,53%), seguido por Aterro do Flamengo (26,19%) e Aterro (20,09%). Muito poucas pessoas citaram os nomes oficiais Parque Carlos Lacerda (1,58%) ou Parque Brigadeiro Eduardo Gomes (0,23%)⁷. Além disso, muitas pessoas citaram dois nomes pelos quais conheciam o parque, normalmente Parque do Flamengo ou Aterro. Em todas as entrevistas, seja com moradores locais ou com profissionais relacionados ao parque, as pessoas conversavam sobre o parque usando seus nomes populares. As poucas pessoas que conheciam os nomes oficiais do parque não os utilizavam. O mesmo se dá em relação à mídia. Todas as reportagens referentes ao Parque do Flamengo em jornais, revistas ou TV jamais se referiam a ele usando seus nomes oficiais, sob pena da população não conseguir ligar o nome à área na cidade. Isto ilustra como as pessoas prestam pouca atenção ou mesmo ignoram as denominações oficiais, e quão pouco estas denominações representam o parque no imaginário das pessoas. Na verdade, o parque é conhecido basicamente por dois nomes: Parque do Flamengo ou Aterro do Flamengo, ou mesmo Aterro, por ser mais curto. Os outros nomes são simplesmente "ficção", pois embora existindo oficialmente eles não existem na prática. Não representam o parque na sua

4. Lei Nº 65, 17 de Julho de 1978.

5. Decreto Nº3.122, 26 de Julho de 1981.

6. Lei Nº 1.219, 11 de abril de 1988.

7. Outros resultados: Não sei (2,26%); Praia do Flamengo (4,74%); Outros (4,74%). O percentual total soma mais que 100,00% porque muitas pessoas citavam mais de um nome para o parque.

essência e não estão ligados à experiência que a população tem do parque.

No caso do Parque do Flamengo, a construção dos seus nomes populares está profundamente calcada na experiência do lugar. Por muitos anos a área não era nada mais que um imenso aterro à beira mar, tendo seu uso muito pouco definido. Além do Museu de Arte Moderna, criado em 1954, e do Monumento aos Mortos da II Guerra Mundial criado em 1955, não havia nada mais construído naquele espaço. No entanto o aterro que estava sendo criado, pela sua magnitude e ainda pelo seu local privilegiado na cidade, não poderia passar despercebido. No processo gradual de identificação com e apropriação do lugar, começa a surgir então o que Augoyard (1979:83) denomina "*neologismo coletivo*", onde "*a partir de lugares sem nome ou de nome desconhecido, a nomeação permite uma apropriação notável destes lugares*". Mas o Parque do Flamengo entretanto tem como característica o fato de ter sido lentamente apropriado ao longo do tempo não apenas por um único grupo social, mas por vários grupos que simultaneamente disputavam ou usufruíam de seu espaço.

O fato de a área ser ainda um aterro com uso e forma indefinidos não impediu que fosse usado para muitas atividades, seja formal ou informalmente. Um de seus primeiros usos oficiais, por exemplo, foi de caráter religioso, para as celebrações do XXXIII Congresso Eucarístico Internacional em 1955, pela Igreja Católica. A população, principalmente os moradores locais, também iam aos poucos usando o aterro de diversas formas, num lento processo de aceitação e apro-

priação. Pescaria, jogos de futebol, plantio de hortas individuais ou comunitárias, passeios para chegar junto ao mar, mendigos e desabrigados que elegiam o aterro como local de moradia - estes são alguns dos muitos usos informais que aconteciam no local ainda durante a construção do parque.

Desta forma, o parque estava também sendo criado pela população na medida em que estava sendo construído. Residentes locais e pessoas de diversas classes sociais não foram excluídos do processo de transformação do espaço. Como consequência, o parque já ia sendo apropriado pela população muito antes de existir em termos oficiais. A área foi primeiro vivenciada enquanto um *aterro*, e não como um parque urbano convencional. Na medida em que o aterro se estabelecia na memória popular como um novo espaço conquistado ao mar, o nome Aterro ia também se estabelecendo nos discursos cotidianos. Além disso, as pistas de alta velocidade foram temporariamente abertas ao tráfego em 1958, antes do parque ser inaugurado. Todos os ônibus que passavam pelo local tinham o nome "Aterro" na frente para indicar seu trajeto, já que a área não tinha ainda um nome ou uso oficial. Esta é uma prática que se mantém até hoje, reforçando o nome Aterro para o parque. Também a mídia, por sua vez, tem sempre usado os nomes Parque do Flamengo, Aterro do Flamengo ou Aterro nas manchetes e matérias referentes ao parque. Estes nomes populares são também usados pelo poder público e administradores do parque não apenas em seus documentos oficiais internos, mas também em outdoors ou na imprensa para informar ao público das

intervenções que estão sendo feitas na área.

As denominações oficiais - Parque Brigadeiro Eduardo Gomes e Parque Carlos Lacerda - não tiveram sucesso porque não encontraram nenhum eco seja nas experiências que as pessoas tem do parque ou na sua compreensão dele. Estes nomes não representam o parque seja no nível da experiência ou no nível do imaginário. Além disso, os nomes dos lugares são construídos no tempo, através das experiências que as pessoas tem daqueles espaços. É um processo cultural que implica em reconhecimento, identificação com e apropriação dos lugares, e aonde a própria paisagem algumas vezes sugere o nome na imaginação popular. Neste sentido, a denominação não pode ser artificialmente construída através de atos políticos arbitrários. Deve haver uma correspondência com aqueles que vivenciam o lugar, e isto é fundamentalmente um processo coletivo (Augoyard 1979). Os nomes populares do parque não foram portanto estabelecidos através de uma prática política artificial, porém através de um processo espontâneo de apropriação coletiva e denominação pública.

Como este processo não é homogêneo, existem múltiplos nomes. Ao nomear o parque as pessoas tem suas próprias preferências entre os seus vários nomes populares. Em muitos casos, eles representam uma maneira de ver o parque, que pode tanto ser compartilhada ou contestada por outros. Augoyard lembra que um mesmo espaço urbano pode ser qualificado por diferentes nomes: *"entre o individual e o coletivo, as palavras não traduzem uma relação com o espaço que seja definida de um modo idên-*

tico por todo mundo em todos os tempos" (1979:76). No Parque do Flamengo, a pluralidade de nomes usados para identificá-lo na cidade nos fala também da pluralidade de imagens que ele possui para diversos grupos sociais. Por exemplo, um funcionário que trabalha no parque a vários anos argumenta que o nome Aterro não é adequado para o parque:

"Eles chamam inapropriadamente de Aterro, o que é um absurdo! Porque já não é mais um aterro a muitos anos... eu prefiro chamar de Parque do Flamengo."

Por outro lado alguns moradores locais acham que o nome Aterro traz a memória do lugar como ele era antes:

"Muita gente chama de Aterro, tá bem na cabeça do Carioca que isso aqui foi aterrado... eu não vou chamar nunca de Parque Carlos Lacerda, porque ficou aquilo, o Aterro, é difícil mudar".

Já outros moradores do bairro trazem uma visão diferente. Eles argumentam que muitas pessoas, principalmente as mais jovens, chamam de Aterro sem no entanto ligar o nome com a história da área:

"... porque na verdade já não existe um aterro, existe um parque. Ninguém até se lembra o que significa "aterro". Eu acho que muita gente que vai ao parque não sabe que isso ali não era assim... que o mar foi afastado."

Neste sentido, a transformação do espaço pode mesmo transformar a imagem trazida pela palavra, e assim para muitas pessoas a palavra Aterro significa um parque e não um aterro. Entretanto, o nome Parque do Flamengo foi também contestado por muitos residentes de outros bairros limítrofes ao parque. Eles argumentam que o parque

não pertence apenas ao Flamengo mas também aos bairros do Catete e Glória, e neste sentido os moradores destes bairros preferiam chamar simplesmente de Aterro. Desta forma, o nome do parque para este grupo é uma maneira simbólica de reivindicar seus direitos e exercer sua apropriação sobre o lugar, já que o parque também é vivenciado por eles como uma extensão de suas próprias residências.

A prática de ignorar nomes oficiais de lugares públicos ou marcos paisagísticos importantes na cidade é muito comum no Rio de Janeiro. As pessoas se referem a vários lugares públicos usando seus nomes populares e em muitos casos, como no Parque do Flamengo, a denominação oficial é praticamente desconhecida. Isto acontece, por exemplo, numa das mais importantes praças no centro da cidade, que é popularmente conhecida por Cinelândia e não pelo seu nome oficial, Praça Marechal Floriano. O mesmo ocorre com o principal estádio de futebol no Rio, conhecido como Maracanã, e não pelo seu nome oficial, Estádio Mário Filho. E assim isso acontece em muitos lugares por toda a cidade, numa prática aonde nomes oficiais são ignorados ou substituídos por outros os quais, na visão da população, melhor representam ou qualificam aquele determinado espaço urbano. Na verdade, re-nomear lugares é uma prática que tem sido parte da cultura urbana do Rio desde muito tempo.

O poder do nome

“Os nomes dos lugares (...) confirmam um poder dominante”, nos lembra Lynch (1981:216). A tradição de dar nomes aos lugares tem um significado simbólico que transcende sua significância cultural local. Augoyard, por exemplo, identifica muitas maneiras diferentes pelas quais a população local de um bairro em Grenoble, na França, se refere a determinados lugares no espaço urbano, dando nomes que estão profundamente relacionados com a prática daquele espaço. Ele argumenta que o ato de nomear lugares é um dos códigos de apropriação do espaço urbano, pois *“o poder de nomear é poder sobre o espaço”* (Augoyard, 1979:81).

Na verdade, a tradição de ligar a criação ou o conhecimento do nome com a idéia de poder é muito antiga. Na tradição judaico-cristã, ao tomar posse de um lugar dá-se um nome a ele (cf. Gerard, 1989). Além disso, os colonizadores Europeus re-nomearam lugares, marcos paisagísticos, baías, cachoeiras, plantas, ignorando os nomes já dados pelos habitantes locais, num ato simbólico de soberania e propriedade sobre o território conquistado. Jackson (1989:168) descreve esta atitude como *“um aspecto crucial da ‘descoberta’ geográfica, estabelecendo reivindicações de propriedade através de associações linguísticas com o poder colonizador”*.

O simbolismo de poder relacionado com o conhecimento ou criação de um nome, na verdade, está presente em várias culturas diferentes ao longo da história.

Chevalier e Gheerbrant (1969) argumentam que este simbolismo faz parte de uma "mentalidade primitiva", e desta forma para grupos os mais diversos, tais como comunidades judaica, islâmica, hindu, egípcia, entre muitas outras, o conhecimento do nome permite um controle sobre o ser ou sobre o objeto. Neste sentido, podemos compreender a recusa da população em aceitar e usar os nomes oficiais do Parque do Flamengo como uma maneira simbólica de demonstrar e exercitar a sua apropriação sobre o parque. Acima de tudo, é uma forma espontânea de resistência. Um dos moradores locais, por exemplo, argumenta:

"As pessoas perguntam, 'onde você vai? Eu vou ao Aterro do Flamengo, onde você vai? eu vou ao Parque do Flamengo'. Não adianta, o povo já batizou... ninguém vai ao Parque Carlos Lacerda, você vai ao Parque do Flamengo".

Jackson (1989:54) argumenta que, como certos grupos sociais não possuem o controle sobre instituições jurídicas ou políticas, a "resistência algumas vezes toma uma forma simbólica em vez de uma forma diretamente instrumental". Na verdade, no caso do Parque do Flamengo, esta resistência nunca foi expressa em termos de protestos públicos contra os nomes oficiais. Foi simplesmente uma recusa silenciosa em usá-los. Esta forma de resistência teve porém efeitos práticos. Isto não evitou que as autoridades públicas continuassem dando nomes arbitrários ao parque, mas transformou estes atos num inútil exercício de autoridade e poder. A autoridade política oficial de designar nomes para os espaços públicos na cidade é portanto contestada, e o direito de "batizar" o parque foi na prática exercido pela po-

pulação. Como consequência, Parque Carlos Lacerda e Parque Brigadeiro Eduardo Gomes não existem para a população, pois ao serem ignorados (inclusive pelos políticos e pelo poder público!), sua existência é naturalmente negada.

Na verdade, um nome é uma dimensão essencial de identidade. A imagem do parque é trazida por seus nomes populares, e não pelos oficiais. Assim, o parque que existe na experiência da cidade é na verdade aquele chamado de Parque do Flamengo ou Aterro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGOYARD, J.F. (1979) *Pas à pas: Essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain*. Paris: Éditions du Seuil.
- BURGESS, J., HARRISON, C.M. and LIMB, M. (1988) People, parks and the urban green: a study of popular meanings and values for open spaces in the city. *Urban Studies*, **25**:455-473.
- CHEVALIER, J. and GHEERBRANT, A. (1969) *Dictionnaire de Symboles*. Vol. 3. Paris: Ed. Robert Laffont et Ed. Jupiter.
- COSGROVE, D.E. (1984) *Social Formation and Symbolic Landscape*. London: Croom Helm.
- COSTA, L.M.S.A. (1993) Popular Values for Urban Parks: a Case Study of the Changing Meanings of Parque do Flamengo in Rio de Janeiro. Ph.D. Thesis. Londres: University College London.
- GERARD, A.M. (1989) *Dictionnaire de la Bible*. Paris: Éditions Robert Laffont.
- JACKSON, P. (1989) *Maps of Meaning*. Londres: Unwin Hyman.
- LYNCH, K. (1981) *Good City Form*. Londres: The MIT Press.